O DESENVOLVIMENTO HUMANO DA “VIDA PÚBLICA” E “VIDA PRIVADA” DA MULHER: “CONTEXTOS” DE MUDANÇA OU REPRODUÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO

THE HUMAN DEVELOPMENT OF WOMEN "PUBLIC LIFE" AND "PRIVATE LIFE": "CONTEXTS" OF CHANGE OR A REPRODUCTION OF GENDER SOCIAL ROLES

EL DESARROLLO HUMANO DE LA "VIDA PÚBLICA" Y "VIDA PRIVADA" DE LA MUJER: “CONTEXTOS” DE CAMBIO O REPRODUCCIÓN DE PAPELES SOCIALES DE GÉNERO

Fernanda Chiozzini Martins-Suarez¹
Rita de Cássia Pereira Farias²
Lilian Caixêta Perdigão Reis³

10.21665/2318-3888.v6n11p348-366

RESUMO

O presente ensaio convida o leitor a uma análise com base nas teorias sociológicas e psicológicas sobre a inserção e participação da mulher na esfera pública, no que se refere mais precisamente, a entrada feminina no mercado de trabalho. A intenção do trabalho é propor uma reflexão sobre a conciliação do papel feminino socialmente esperado de mãe e esposa em confronto com seu interesse e necessidade individual de atuar no mercado de trabalho com base no livro *A mística feminina*, de Betty Friedan e no filme *O sorriso de Mona Lisa*, dirigido por Mike Newell e escrito por Lawrence Konner e Mark Rosenthal. Trata-se de uma análise bibliográfica apoiada em uma produção artística levando em conta a trajetória histórica da inserção feminina na esfera pública. Notou-se que historicamente o papel social da mulher tem sofrido alguma alteração proporcionando a ela maior espaço na esfera pública, todavia ainda há uma lacuna a ser preenchida no que se refere a como a sociedade enxerga os trabalhos tidos socialmente como masculinos e femininos. Para esta análise, foi proposta uma relação de teorias das áreas anteriormente citadas com o filme *O Sorriso de Mona Lisa* que ilustra esta angústia da conciliação dos papéis sociais femininos na década de 1950.

Palavras-chave: Mulher. Profissão. Espaço Público e Privado.

¹ Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: fchiozzini@hotmail.com.

² Doutora em Antropologia Social (UNICAMP) e Professora no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: rcfarias@ufv.br.

³ Doutora em Psicologia (UFBA) e Professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: lilian.perdigao@ufv.br.

ABSTRACT

This essay invites the reader to an analysis on the insertion and participation of women in the public sphere based on sociological and psychological theories, more precisely, the entry of women into the labor market. The intention is to propose a reflection on the reconciliation of the socially expected female role of mother and wife in relation to their individual interest and need to work in the labor market. Such reflection has Betty Friedan's book *The Feminine Mystique* and *Mona Lisa Smile*, directed by Mike Newell (and written by Lawrence Konner and Mark Rosenthal) as a basis. The essay consists of a bibliographical analysis based on an artistic production taking into account the historical trajectory of female insertion in the public sphere. We realize that historically the social role of women has undergone some alteration, giving them greater space in the public sphere, yet there is still a gap to be filled about the social perception of what is a masculine and feminine activity. For this analysis, we have proposed a relation of theories of the previously mentioned areas with the film *The Smile of Mona Lisa* that illustrates this anguish about the conciliation of feminine social roles in the 1950 decade.

Keywords: Women. Profession. Public and Private Life.

RESUMEN

El presente ensayo invita al lector a un análisis basado en las teorías sociológicas y psicológicas sobre la inserción y participación de la mujer en la esfera pública, en lo que se refiere más precisamente, a la entrada femenina en el mercado de trabajo. La intención del trabajo es proponer una reflexión sobre la conciliación del papel femenino socialmente esperado de madre y esposa en confrontación con su interés y necesidad individual de actuar en el mercado de trabajo con base en el libro *La Mística Femenina* de Betty Friedan y en la película *La Sonrisa de Monalisa*, dirigido por Mike Newell y escrito por Lawrence Konner y Mark Rosenthal. Se trata de un análisis bibliográfico apoyado en una producción artística teniendo en cuenta la trayectoria histórica de la inserción femenina en la esfera pública. Históricamente el papel social de la mujer ha sufrido alguna alteración proporcionándole mayor espacio en la esfera pública, sin embargo hay una lacuna a ser llenada en lo que se refiere a cómo la sociedad ve los trabajos tenidos socialmente como masculinos y femeninos. Para este análisis, se propone una relación teórica de las áreas anteriormente citadas con la película *La Sonrisa de Monalisa*, la cual ilustra la angustia derivada de la conciliación de los papeles sociales femeninos en la década de 1950.

Palabras clave: Mujer. Profesión. Espacio Público y Privado.

Introdução

Este texto propõe uma discussão, com base na perspectiva de gênero, sobre o dilema vivido por muitas mulheres ao conciliar a vida pública, a formação da carreira profissional e a atuação no mercado de trabalho, e a vida privada, notadamente, os trabalhos relativos aos cuidados com a casa e filhos.

Nesta reflexão, foram utilizados referenciais teóricos relativos à socialização de gênero, além do livro *A mística feminina*, de Betty Friedan e o filme *O sorriso de Monalisa*, dirigido por Mike Newell e escrito por Lawrence Konner e Mark Rosenthal como fontes inspiradoras. O presente trabalho foi organizado em: introdução, dois tópicos que compõem o desenvolvimento do manuscrito e por fim, as considerações finais. Para a construção do desenvolvimento do texto, foi utilizada a abordagem psicológica de contextualismo e psicologia da família entrelaçadas com conceitos e autores da área da sociologia.

Essa discussão é relevante em pleno século XXI pois, apesar de tantas mudanças na sociedade advindas do movimento feminista⁴, “A mística feminina”⁵ ainda está presente em diversas pedagogias culturais que continuam a ser reproduzidas, reforçando as diferenças entre o masculino e o feminino. Nesse sentido, mesmo que as mulheres assumam diferentes postos no mercado de trabalho, a sociedade ainda espera que os serviços domésticos e os cuidados com os filhos estejam sob sua responsabilidade, pois não são muitos os homens que assumem estas atribuições no âmbito da família.

Quando a mulher começa a transpor a barreira que a separa do mercado de trabalho, os estudos sobre gênero ganham força configurando um novo viés, e neste contexto, os conflitos derivados dos papéis ocupados por homens e mulheres na esfera social e psicológica passam a ser questionados nos trabalhos acadêmicos.

⁴ As três ondas estão compreendidas aqui, desde a luta por direito ao voto feminino até a liberdade sexual e de gênero.

⁵ Termo utilizado aqui de acordo com a obra de Betty Friedan (1971) que possui o mesmo título. Nesta obra, a autora se refere a insatisfação da mulher quanto ao papel por ela ocupado de mãe e esposa. (FRIEDAN, 1971)

Assim sendo, a intenção deste trabalho foi delinear historicamente, desde a segunda metade do século XX, a atuação da mulher nos espaços público e privado, uma vez que não é novidade que o papel da mulher na esfera pública é abafado pela presença do homem de forma a confiná-la à posição de cuidadora do lar e da família, condição que legitima sua atuação historicamente predominante na esfera doméstica.

A separação em esferas públicas e privadas é compreendida respectivamente como masculinas e femininas presentes no imaginário social⁶ ilustrando que mesmo diante de uma possível mudança, a mulher ainda é vista como pertencente ao espaço doméstico. As construções sociais relacionam a figura da mulher a uma forte conotação afetiva dentro dos grupos sociais moldando comportamento e condutas dos indivíduos e solidificando a visão social generalizada de um determinado grupo.

Neste sentido, o imaginário pode também ser compreendido como um campo de enfrentamento perante a um contexto de possíveis mudanças cada vez mais utilizado em estudos teóricos.

O presente trabalho pauta-se em uma análise de obras que retratam a vida da mulher nos anos de 1950 com o propósito de destacar como a sociedade desta época enfocava a figura feminina em uma função coadjuvante, decorativa, sustentada na figura da mulher dócil, passiva, dedicada exclusivamente à família, capaz de se submeter inquestionavelmente aos desejos masculinos, deixando-se em segundo plano, sem nenhum papel decisório na sociedade, uma vez que sua vida era dentro da esfera privada, com a função de gerenciar atividades domésticas, realizadas, muitas vezes, não diretamente por elas, mas por outras mulheres. Esta condição secundária feminina, todavia, permitiu que, aos poucos, a mulher começasse a se questionar sobre seu papel social⁷.

⁶ "Definição social das identidades e objetivos, trata-se de como a sociedade define seus inimigos, organiza seu passado presente e futuro [...] O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias ...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos" (CARVALHO, 1987, p. 11).

⁷ Compreendido neste texto como uma maneira de explicar quais seriam os direitos e deveres que uma pessoa tem ao ocupar um determinado *status* social. Dessa forma, vemos que o papel social envolve todo o tipo de ação que a própria sociedade espera no momento em que um de seus integrantes ocupa certo *status*.

Para sedimentar esta reflexão lançou-se mão das análises de Catherine Hall (1994), que com base em seus estudos acerca dos costumes da sociedade burguesa inglesa do século XIX, debruça-se sobre uma explicação histórica para a relação dual e antagônica entre homens e mulheres com base na crença de que cada um dos sexos nasceu para ocupar distintas esferas.

No texto *Sweet Home*, a autora mostrou que na Inglaterra, no início do século XIX, as transformações no comércio promoveram o isolamento gradativo das mulheres na esfera privada. O que significou que as mulheres, as quais inicialmente estavam presentes nas pequenas casas comerciais que se misturavam ao espaço doméstico, foram desaparecendo conforme o comércio foi se distanciando das casas de suas famílias, crescendo e inserindo-se no espaço público. Desta forma, então, as mulheres tornaram-se figuras raras cada vez mais restritas ao espaço privado no interior de suas casas (HALL, 1994, p.62-69).

Assim, para Hall (1994), a deflagrada limitação burguesa da vida da mulher aos trabalhos domésticos afirmava que a constituição sexual da pessoa selava seu destino. Por estarem socialmente subordinadas aos seus maridos, o máximo que as mulheres conseguiam neste contexto, era uma extensão dos seus afazeres domésticos na esfera pública, ou seja, alguns poucos trabalhos como empregada doméstica, babá, camareira, ou seja, funções que não degradavam o que se entendia por dignidade feminina.

Não diferente deste escopo, está o filme *O sorriso de Monalisa* de 2003 que se baseia em histórias de exatamente este perfil de mulher. O filme representa uma sociedade que esperava que a mulher tivesse como seu principal papel satisfazer o marido e cuidar de sua aparência a fim de agradá-lo, ou seja, uma reprodução do imaginário social da mulher submissa.

O Sorriso de Monalisa (2003), assim como o livro de Betty Friedan (1971), apresentam a preocupação da mulher jovem, americana, branca e de classe média em encontrar um marido e ser para ele o emblema⁸ de boa esposa dentro do contexto da época

⁸ Utilizado aqui no sentido de marca, representação carregada de valor social.

retratada, ou seja, uma mulher doce, compreensiva, mas com algum conhecimento que dentro da categoria de boas maneiras pudesse ser compreendido como educação. É para isso, contudo, que a universidade, palco central do filme em questão, existia, de uma maneira velada, porém, crucial para uma análise da crítica do tema proposto pelo filme.

Ambas as obras mencionadas retratam o tema que conduz este texto, isto é, a imposição abarcada pelo imaginário social que direciona a mulher a resumir sua vida ao casamento e aos filhos como se fosse este seu único destino. De acordo com o pensamento da época, o trabalho fora de casa masculinizava a mulher e propunha a ela novas prioridades distintas da dedicação à organização da casa e os cuidados com a família (HALL, 1994).

No caso do filme *O sorriso de Monalisa*, quando a personagem principal do filme, uma professora de artes interpretada pela atriz Julia Roberts, apresenta à suas alunas uma opção de vida distinta daquilo que a sociedade as impunha, o conflito e a proposta de mudança se faz presente. A personagem representa a escolha pela vida acadêmica em detrimento ao papel de mãe e esposa, mas não o faz de uma maneira determinista. Em um determinado momento do filme, inclusive, ela afirma a uma de suas alunas, a qual convivia com o dilema da escolha pela vida de dona de casa ou de profissional, ou seja, casar-se ou dar sequência à carreira universitária, que ela não precisaria escolher, mas que poderia fazer as duas coisas.

A escolha pessoal da professora era vista como uma subversão pelos padrões sociais da época, mas da mesma maneira, o filme deixa evidente o sofrimento e a angústia das alunas que optam pelo casamento, pelo tradicional, uma vez que elas se encontravam em um contexto em que o trabalho feminino dava seus primeiros passos no espaço público e ultrapassar esta barreira era o sonho de muitas mulheres.

É o sentimento de angústia, todavia, que justifica a relevância deste estudo levando-se em conta a teoria psicológica, uma vez que a escolha da professora também se mostra conflituosa, pois ela se propõe a quebrar barreiras, o que não é fácil em uma sociedade tradicional, como a sociedade americana na metade do século XX.

Com base na insatisfação trazida por Friedan (1971) e pelo filme estrelado por Julia Roberts, este trabalho propõe uma reflexão sobre a consideração de novos contextos trazidos por mudanças sociais que justificam a necessidade e interesse da mulher em atuar na esfera pública, o que não anula sua possível busca pela constituição de uma família.

Desta maneira, a necessidade feminina de ter sempre que fazer uma escolha se confirma e merece reflexão. Haja vista que na sociedade ocidental contemporânea, a mulher ainda é vista de uma maneira distante ao homem no tocante a sua participação na vida pública e nos processos decisórios que este espaço proporciona. Corroborando com isso, dados apresentados nas pesquisas de Santana Cruz (2012) e Lima (2011) mostraram que mais homens do que mulheres conseguem conduzir suas vidas familiares e profissionais ao mesmo tempo, as mulheres, de acordo com estes estudos, ou abandonam a carreira ou atrasam a maternidade.

Diante dessas reflexões questiona-se: O quanto o contexto influencia no imaginário social e na decisão tomada pela mulher? Por que a sociedade ainda amarra o biológico e o social ao se deparar com uma mulher que decide investir na vida profissional? A relação homem/mulher precisa ser hierárquica e dicotômica?

1. A importância do contexto no desenvolvimento da participação da mulher na vida pública

A construção social dos papéis esperados por homens e mulheres e suas respectivas relações com o espaço público e privado, propicia uma discussão apoiada nas relações do gênero⁹.

⁹ De acordo com Joan Scott, gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior (1995).

Teóricos do estudo de gênero admitem que sexo e gênero se relacionam de alguma maneira, pois partem de uma origem comum, ou seja, a dicotomia trazida pelo biológico desembocando na dualidade construída a partir da conotação sociocultural que fundamenta o termo. Uma vez que onde há relação dual há relação de superioridade e inferioridade, é possível iniciar um estudo sustentado na perspectiva de desigualdade de poder entre homens e mulheres.

(Gênero é) uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado [...]. O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [...] é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p.14).

Dentro desta discussão, Gayle Rubin (2003) propõe o que ela chamou de sistema sexo/gênero a fim de ressaltar a diferença entre gênero e sexo como o conjunto de práticas, símbolos, valores sociais que dão sentido aos impulsos sexuais e relacionamento entre as pessoas.

Desta forma, ao ser compreendido como atrelado ao comportamento e relação entre os indivíduos, o gênero está ligado à maneira como a sociedade compreende costumes tidos como tipicamente masculinos e femininos. Trata-se da forma como somos socializados, isto é, a ideia de que homens não choram, de que eles são mais aptos a trabalhos braçais, estão relacionadas ao raciocínio, números, cálculos, representando por conta disso, uma posição de superioridade dentro da relação dicotômica na qual ambos os sexos estão inseridos. A mulher, por sua vez, é reconhecida dentro desta relação como emocional, apta ao cuidado, às ciências humanas, representando o contraponto da inferioridade.

A correspondência apresentada acima é cultural, social e socializada, entretanto, não é lógica. Homens e mulheres são diferentes e este fato acaba por colocá-los em uma posição dicotômica, mas diferença não é oposição, assim nenhum dos lados deveria ser representado por um sinal positivo ou negativo, não havendo desta forma, legitimação para a relação de poder entre eles.

Buscando compreender a questão da oposição masculino/feminino, Pierre Bourdieu (1999) em sua obra *A dominação masculina* descreve brilhantemente a associação do

termo masculino às expressões como, alto, reto, claro, público, enquanto que feminino é representado pelo oposto, ou seja, baixo, curvo, escuro e privado. Com base nisso, o autor chama a atenção para a percepção de que somos socializados de uma maneira a entender a mulher incumbida das tarefas ligados ao que Devreux (2005) denomina de ‘natureza maternal’ e define como “trabalho parental efetuado por mulheres, em nome de sua função biológica na reprodução da vida humana” (DEVREUX, 2005, p.568), enquanto que os homens, com sua trajetória de caça e provisão do alimento, são correlatados a força, coragem e o racional.

Esta associação feita automaticamente e reproduzida inconscientemente é o resultado do processo de socialização que Dubar (1997) aponta no campo da sociologia, e que, nos estudos da psicologia do desenvolvimento humano, se repete com autores como Elder Júnior (1996). Ao trabalhar com o conceito de trajetória de vida, ou seja, sequência de eventos que compõem o curso de vida de um indivíduo, Elder Júnior (1996), aborda fatores pessoais e sociais inseridos dentro dos contextos que compõem o curso de vida de um indivíduo marcados pela sua vivência.

A teoria contextualista de Urie Bronfenbrenner (2011), detalhada mais adiante, agrega a essa discussão no sentido de contribuir para compreensão das características pessoais como não influenciadoras no desenvolvimento da pessoa isoladamente. É necessário pois, que haja interação entre a pessoa e o meio em um contexto social que permita ou não o que Bronfenbrenner (2011) chama de ‘processos proximais’, ou seja, um mecanismo produtor de desenvolvimento humano que varia de acordo com o contexto e com a pessoa em um período de tempo.

O contextualismo é um paradigma dialético, no qual o conhecimento é entendido como uma construção social e o que é visto como ‘realidade’ depende, em parte, da cultura, da história e do poder. Não há, portanto, uma única realidade para ser conhecida, mas múltiplas realidades. Neste paradigma, os indivíduos não podem ser separados de seus contextos para serem estudados, e o conhecimento é obtido através de um processo co-construtivo, envolvendo ambos, o pesquisador e o participante da pesquisa [...]. Como em qualquer abordagem dialética, simples relações de causa-efeito não podem ser descobertas, porque todos os aspectos da situação (o contexto

e os indivíduos, inclusive o pesquisador dentro do contexto) influenciam-se mutuamente (TUDGE, 2007, p. 2).

Dentro do paradigma contextualista de Bronfenbrenner (2011), a escolha tomada pela mulher que se insere no mercado de trabalho e concilia sua vida doméstica com sua vida profissional estaria diretamente vinculada a uma possibilidade de mudança em um contexto que compreende esta atitude como subversiva.

Maria Auxiliadora Dessen (2005), outra autora da mesma corrente de estudo da psicologia, considera ainda que as trajetórias¹⁰ de desenvolvimento de uma pessoa estão relacionadas a questões individuais, como sua história e suas experiências pessoais, o que conduziria a uma mudança ou uma continuidade de seus comportamentos dentro do ambiente no qual estão inseridos. Isso chama a atenção para a necessidade de um estudo aprofundado sobre a ação da subjetividade no tocante aos motivos e significados que orientem as pessoas nas suas buscas por novas perspectivas ou não. Com base nisso, Jaan Valsiner (2007) sugeriria que é na diversidade cultural que os indivíduos se pautam para configurar significados de ações e costumes que os enquadram como aspirantes a mudança ou reprodutores sociais.

Sendo assim, o contextualismo de Bronfenbrenner (2011) pode ser questionado, pois, para o autor, cada pessoa tem sua própria história dentro de eventos em um âmbito maior, macrossistema¹¹, e a passagem do tempo causa efeitos profundos muitas vezes no desenvolvimento da pessoa, o qual é definido como o fenômeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto quanto

¹⁰ A partir da perspectiva do "curso de vida" (Elder Júnior, 1996), este conceito busca integrar distinções temporais, contextuais e processuais para estudar os diferentes processos de vida que estão sujeitos a mudanças, de acordo com a faixa etária do indivíduo e com a estrutura sociocultural da qual faz parte. Esta orientação teórica enfatiza o impacto das interações e das mudanças sociais nas trajetórias dos indivíduos, uma vez que investiga a dinâmica do curso de vida, considerando os contextos históricos e culturais, em diversos níveis de análises compatíveis com o fenômeno do desenvolvimento (ASPESI, DESSEN, CHAGAS, 2005).

¹¹ Bronfenbrenner (2001) envolve quatro sistemas inter-relacionados: do imediato (o microsistema) ao distante (o macrossistema). O autor também escreveu acerca das inter-relações entre os vários microsistemas, tais como: casa, escola, grupo de pares, etc, (o mesossistema) e aqueles contextos nos quais os indivíduos recebem importante influência indireta que refletem em seu desenvolvimento (o exossistema).

indivíduos como quanto grupos, e este fenômeno estende-se ao longo do curso de vida em sucessivas gerações e através do tempo histórico presente e passado.

Assim, aliado a crítica que Tudge (2007) faz a Bronfenbrenner (2011) sugerindo um não nivelamento por parte deste autor ao tratar da sociedade, cultura e por não considerar as interações que evidentemente existem entre os diferentes grupos culturais dentro de qualquer sociedade, é que se faz necessário um enfoque especial a grupos de interesses específicos, como no caso das feministas.

2. A mulher e a vida familiar

Em relação ao feminismo, as contribuições históricas advêm das experiências particulares das mulheres, seus interesses e motivações para um novo processo de construção de sua vida, a fim de garantir igualdade entre os gêneros e obter maior espaço nas decisões políticas.

Tanto o livro de Betty Friedan (1971) quanto o filme (O SORRISO DA MONALISA, 2003) protagonizado por Julia Roberts, relatam a vida da mulher na década de 1950 atada a uma certa obrigação de se casar com homens bem-sucedidos que possam garantir a elas e aos seus filhos uma vida confortável, como forma de garantirem o bem-visto papel de dona de casa de classe média em ascensão, ou seja, uma reprodução do processo de socialização (DUBAR, 1997) em um determinado contexto da cultura americana.

Era a regra da natureza, confirmada pelo costume e pelas tradições. Cada sexo, diferente por natureza, possuía suas características próprias, e qualquer tentativa de sair de sua esfera estaria condenada ao fracasso (HALL, 1994, p. 70).

Betty Friedan (1971) em *A mística feminina*, obra originalmente escrita em 1963, critica o conceito de dona de casa como a representação da mulher que se anula em função da família e que se encontra em uma cultura machista, capaz de impor a ela um papel de mãe e esposa e desta forma, a perda de sua identidade. Entretanto, o

ponto forte da obra supracitada é ponderação da autora quanto a insatisfação desta mulher frente ao seu destino traçado.

Cada dona de casa lutava sozinha com ele (o problema da insatisfação), enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar o sofá, comia com os filhos sanduíches de creme de amendoim, levava os garotos para as reuniões de lobinhos e fadinhas e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: “É só isto?” (FRIEDAN, 1971, p. 17).

Então, atrelado ao contexto e a época, a cultura americana do ideal de família, esposa e mãe ditava os desejos das mulheres e, desta forma, seus interesses particulares eram pouco questionados, inclusive por elas. No campo da psicologia do desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (2011) concordaria que cada indivíduo pode reconstruir esses significados ao criar suas versões pessoais e externalizá-las de acordo com suas próprias orientações, as quais podem, inclusive, ser distintas daquelas que predominam nos contextos socioculturais em que a pessoa está inserida. Enquanto, Valsiner (2007), por sua vez, considera que a cultura determina grande influência sobre as ações dos indivíduos ao apresentar enormes distinções quanto as ideias sobre desenvolvimento, práticas, valores e crenças, culminando no que é chamado de relativismo cultural¹².

No caso específico das mulheres, suas escolhas quanto a construção da vida pública e privada são feitas de uma maneira socialmente esperada ou não, todavia sempre pautadas por opções que de alguma maneira limitam seu campo de ação, ainda nos dias de hoje. A mulher segue sua vida de acordo com seu processo de socialização ou apresenta a iniciativa de desconstruir a relação antagônica entre o gênero masculino e o feminino.

Limitação é um termo que põe em xeque a liberdade de escolha, tanto nos anos de 1950 como na atualidade. Esta é uma discussão muito complexa levando-se em conta as teorias advindas dos movimentos feministas, pois o feminismo foi inicialmente

¹² Utilizado aqui para expressar uma maneira de se observar sistemas culturais sem uma visão etnocêntrica, ou seja, sem preconceito em relação à sociedade vigente.

compreendido com base em um ideal de confronto ao homem, sendo assim, amarrado a um modelo legitimando a dualidade homem/mulher.

Este dualismo tem uma trajetória histórica que segue por distintas vertentes no estudo da psicologia. A primeira delas, a psicanálise freudiana que compreende o feminino como o lado obscuro e inconsciente, atrelado a ideia falocêntrica¹³ da mulher como o não homem, conforme afirma Molina (2011), e os estudos de terapia familiar, que procuram através da intervenção do terapeuta, colocar homens e mulheres em posição de igualdade (MACEDO; KUBLIKOWISK, 2006).

Nos anos de 1970, nasce a psicologia da família, uma vertente da terapia familiar na qual o terapeuta auxilia na delimitação dos papéis e hierarquia dentro da família, uma reestruturação familiar em busca da homeostase¹⁴, ou seja, a busca da funcionalidade da família.

Em decorrência do fato de o indivíduo estar continuamente percebendo as similaridades e as diferenças entre ele e os outros, a forma como o indivíduo constrói a si próprio está estreitamente relacionada a forma como ele constrói o outro, e vice-versa (DESSEN; ASPESI; CHAGAS, 2005, p. 25)

Diferenças e similaridades são difíceis de serem trabalhadas, pois os primeiros movimentos da terapia no campo da psicologia do desenvolvimento humano fundamentaram-se nas características genéticas típicas de homens e mulheres, encarando a aquisição de características femininas e masculinas a partir de modelos disponíveis, como os pais, por exemplo, por meio de uma educação diferenciada para meninos e meninas (DESSEN; ASPESI; CHAGAS, 2005). Este fato pode ser evidenciado ao se considerar as maneiras nas quais a meninos e meninas são socializados, não apenas na escola ou outros ambientes públicos, mas também na sua casa e nas relações familiares (DUBAR, 1997).

¹³ Postura, convicção, atitude ou comportamento baseados na ideia da superioridade masculina, na qual o falo representa o valor significativo fundamental.

¹⁴ Compreendido aqui como a capacidade do organismo de apresentar uma situação físico-química característica e constante, dentro de determinados limites, mesmo diante de alterações impostas pelo meio ambiente (DESSEN; ASPESI; CHAGAS, 2005)

Quando a psicologia começa a investigar o que se compreende por homens e mulheres através de uma perspectiva socializadora da construção de gênero, as relações de poder que permeiam as questões que envolvem família, em especial, a relação marido e esposa propriamente, percebe-se uma perda da ideia de relação entre vítima e opressor (MACEDO, KUBLIKOWSKI, 2006). Sustentada ainda pelo fato de que não se encontrar na biologia uma razão para a disparidade de poder dentro de um exemplo de violência doméstica, por exemplo.

Assim, os estudos da área de psicologia resultantes das relações marido e esposa a partir da abordagem de gênero, além de considerarem o contexto, seguem por dois caminhos; um deles pretende salientar as diferenças entre homens e mulheres e o outro, as menospreza, porém, ambos objetivam trabalhar estas questões visando uma melhor interação familiar, uma vez que o importante para a psicologia do desenvolvimento humano é analisar estas posições no âmbito da terapia familiar (MACEDO; KUBLIKOWSKI, 2006).

A terapia familiar tem sua relevância sustentada no fato de, após o casamento, as atitudes individuais baseadas nos valores construídos no contexto sociocultural de cada indivíduo passarem a ser reproduzidas dentro da relação, ou seja, é necessário que se observe um ponto em comum capaz de harmonizar a convivência do casal. Isto é, uma vez que dentro da perspectiva psicológica que concorda com a abordagem de gênero, pode acontecer de uma família ser composta por duas pessoas que entendem esta questão de maneira distinta, o que levaria estes indivíduos a conflitos capazes de prejudicar sua convivência (MACEDO; KUBLIKOWISK, 2006).

Assim, de volta a busca pela homeostase, a escola estrutural de Minuchin (1981), compreende a família como parte de um sistema orgânico regido pelas leis da circularidade e da complementaridade diante de uma relação não dicotômica e partindo do princípio de que em um sistema, todos são igualmente responsáveis pelos acontecimentos sem considerar as diferenças.

[...] Ignorar as diferenças e afirmar a igualdade levou a progressos entre as mulheres, como ter igual tratamento perante a lei e o mercado de trabalho [...]; e na terapia familiar levou a subestimar as desigualdades na estrutura

familiar em relação ao homem e a mulher. A maternidade, acontecimento único na vida das mulheres, não encontra qualquer dispositivo formal nas empresas para facilitar ou acomodar as necessidades da mulher que tem um bebê. A norma é masculina e a maternidade é assunto do lar, do privado. No trabalho, a mulher deve se adequar às condições do homem (MACEDO; KUBLIKOWISK, 2006, p.39).

Para este tipo de intervenção, o trabalho do terapeuta consiste em conversar com a família sobre temas de gênero como parte do sistema, a fim de auxiliar os familiares a enxergarem alternativas para solução de problemas e não culpar a mulher isoladamente pelos problemas na família, focalizar a necessidade das mulheres como indivíduos, dar poder a ela, focalizar as necessidades no relacionamento, auxiliar os homens a reconhecerem seus sentimentos, subsidiar os homens em como responder as necessidades afetivas da família e não vitimizar nenhuma das posições. O papel do terapeuta é auxiliar a família a ampliar tais descrições através de novas narrativas que são co-construídas no sistema terapêutico (MACEDO; KUBLIKOWISK, 2006).

Considerações finais

Apesar de todas as mudanças pelas quais a sociedade tem passado, a mulher contemporânea ainda sofre imposição e cobrança da sociedade ocidental, capitalista e industrializada, na qual está inserida, em relação à construção da família e sua atuação enquanto mãe, esposa e cuidadora.

Entretanto, esse fato implica em conflitos no que tange a busca de uma carreira, pois para isso, a mulher necessita dedicar boa parte de seu tempo à formação profissional e ao trabalho. Sendo assim, ela ficaria socialmente defasada em relação ao tempo para se dedicar ao cuidado da família.

Em vista disso, é esperado que nestas circunstâncias ela fizesse uma escolha: ou priorizar o papel de mãe ou de trabalhadora, o que provavelmente a deixaria frustrada de alguma maneira, ou optar por ser mãe e profissional ao mesmo tempo, escolha que duplicaria sua jornada. Mas, ainda há uma lacuna, por que a mulher tem que escolher

enquanto para o homem não há esta problemática? Trata-se, então, do processo de socialização com base no antagonismo hierárquico?

Pode se concluir que se tal antagonismo hierárquico não existisse, a mulher poderia conciliar a vida profissional e pessoal, assim como o homem. Se a mulher não carregasse o peso da tarefa doméstica atrelada ao seu sexo, ela não seria socialmente cobrada e julgada ao dedicar-se à construção de uma carreira, o que oferece a ela honra no espaço público.

A questão do tempo permeia esta problemática, entretanto, a mulher poderia conciliar melhor sua dedicação às atividades, dividindo com o homem os afazeres que compõem a esfera doméstica. Todavia, para que isso seja feito sem conflitos, é necessário que o caráter valorativo que coloca o trabalho doméstico em uma posição inferiorizada seja desconstruído para que ambos se reconheçam como iguais.

Enfim, seja qual for a direção tomada pela mulher, o modelo de família que ela constitui, o tipo de relação que ela constrói com a outra pessoa com a qual ela conviverá é que está em questão. Mais precisamente, o que o artigo propõe é a desconstrução do que é entendido socialmente como base para uma relação de poder, ou seja, a dicotomia pautada nas diferenças entre homem e mulher com base, alicerçando-se no trabalho psicológico a fim de construir uma nova forma de homens e mulheres enxergam a divisão de tarefas dentro e fora do lar.

É notório, entretanto, que a participação efetiva da mulher no espaço público está se solidificando, seu maior exemplo é no que se refere ao mercado de trabalho, espaço em que a maior participação feminina está ocorrendo. Atualmente, a mulher não se sente presa ao homem, não expressa receio ao atuar em suas profissões, especializam-se e, algumas vezes, ganham salários mais altos ao realizarem trabalhos mais especializados que seus parceiros. O mercado de trabalho está aberto para a profissional do sexo feminino, há espaço para a mulher, o que não é o mesmo que afirmar que seus colegas de trabalho e as corporações se encontram receptivos. Muitas mulheres alcançam os mesmos cargos, mas seus salários não são os mesmos, assim como o respeito dirigido a elas dentro do ambiente profissional.

Tais questões destacam que a relação homem/mulher no espaço público ainda é apresentada sob a luz de suas diferenças biológicas, fato que reforça a dicotomia homem e mulher embasada na biologia, mais incisivamente na maternidade. Homens e mulheres são perfeitamente capazes de produções e resultados no mesmo nível, a inteligência e a excelência não refletem o sexo do indivíduo.

Importante destacar que a sociedade ocidental é feita para homens e pelos homens, dentro dos moldes do corpo que não engravida e que se fundamenta na força física. Portanto, o que se discute é que o termo gênero contribui ou deveria contribuir para colocar as características biológicas em segundo plano, uma vez que por gênero se entende o que é construído e não o que está determinado.

Ademais, convém considerar que a sociedade em questão, ainda demonstra estranhamento em face ao depoimento de uma mulher que opta por deixar seus filhos com babás ou em instituições de cuidados de criança desde de tenra idade para poderem se dedicar a construção de suas carreiras ou ao trabalho remunerado. Esta atitude social só faz reforçar o receio observado frente a possíveis mudanças do imaginário social feminino.

Para ilustrar isso, na contemporaneidade, ainda há jovens do sexo feminino que declaram acreditar que a melhor opção para a mulher, visando uma boa relação e educação dos filhos, seria parar de trabalhar quando os filhos nascem. Este tipo de depoimento, parece não considerar o investimento educacional feito por esta jovem até o nascimento dos filhos, na sua individualidade, mais uma vez, a própria mulher confirmando a necessidade de escolher entre as seguintes alternativas na vida: ser mãe ou ser profissional. Não seria simplesmente o fato do homem não dar à luz que o isentaria desta escolha? Questão difícil de ser respondida.

A distinção entre o biológico e o socialmente construído não está evidente nas discussões no senso comum, ou seja, gênero não é uma lente teórica fácil de ser trabalhada e, é por este motivo que mais estudos que visam aproximar questões de gênero aos problemas sociais e familiares sob a perspectiva da psicologia são extremamente indispensáveis à mudança do padrão de pensamento e valores da sociedade ocidental contemporânea.

Esta suscetibilidade por parte das mulheres corrobora com nossa história ou é nossa histórica que testemunha esta disposição. Da mesma maneira que se percebe um avanço no comportamento da sociedade no que diz respeito às mulheres, ainda se nota um retraimento nos seus campos de possibilidades que sustentam o conflito mudança/reprodução de comportamento. Assim, espera-se que mais estudos sejam propostos baseados nas lentes teóricas de gênero para que se possa avançar na compreensão da divisão de trabalho nas esferas públicas e privadas como uma questão a ser conciliada entre seres humanos e não entre gêneros ou sexos distintos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Tornando os Seres Humanos Mais Humanos**. Porto Alegre: Artmed. 2011.
- DESSEN, Maria Auxiliadora. Construindo uma ciência do desenvolvimento humano: passado, presente e futuro, in: DESSEN, M.A.; COSTA JUNIOR **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 264-276.
- DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. **Soc. estado**.v.20, n.3.Sept./Dec. 2005
- DUBAR, Claude. **A socialização: construções das identidades sociais e profissionais**. Portugal: Porto Editora, 1997.
- ELDER JR, Glen Holl. Human lives in changing societies: Life course and developmental insights. In: CAIRNS, R. B., ELDER, G. H., COSTELLO, E. J. (Orgs.). **Developmental science**. New York: Cambridge University Press, 1996, p. 31-62.
- FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971
- HALL, Catherine. **A história da vida privada**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- LIMA, Susana Rezende. **Situando diferenças e gênero no trabalho docente na Universidade Federal de Sergipe**. 2011.
- MACEDO, Rosa Stefanini; KUBLIKOWSKI, Ida. Família e gênero. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **Família E... Narrativas, filhos nos divórcios, genealogia, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social**. São Paulo: Casa do psicólogo. 2006.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MINUCHIN, Salvador. Families and Individual Development: Provocations from the Field of Family Therapy. **Child Development**. v.56, n. 2, p. 289-30, 1985.

O SORRISO DE MONALISA. Direção: Mike Newell. Produtor: Paul Schiff. Santa Mônica, EUA. Revolution Studios e Columbia Pictures, 2009. 1 DVD (159 min).

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a economia política do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTANA CRUZ, Maria Helena. **Analizando a diversidade no trabalho docente: dimensões de gênero/classe no ensino superior.** 2012 http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0155_ed.pdf. Acesso: 02 de Fevereiro de 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. v. 20, n. 2. p. 71-79, 1995.

TUDGE, Jonathan. **A teoria de Urie Bronfenbrenner:** Uma teoria contextualista?. Disponível em: <https://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/Tudge,%202008.pdf>. Acesso: 02 de Fevereiro de 2016.

VALSINER, Jaan Aalborg. **Human development and culture:** The social nature of personality and its study. Lexington Books, 1989.

*Recebido em 04/05/2018
Aprovado em 16/07/2018*